

USOS DA LINGUAGEM COMO MANIFESTAÇÃO DE SINGULARIDADE DE PESSOAS COM LÚPUS EM REDES SOCIAIS: DISCUSSÃO A PARTIR DE APORTES DE TEORIAS FENOMENOLÓGICAS¹

d.o.i. 10.13115/2236-1499v2n19p266

Renato Lira Pimentel (UPE/UFPE)

lira.pimentel88@yahoo.com.br

Resumo: Nesta pesquisa, temos o intuito de analisar, com aportes de teorias fenomenológicas, como são configuradas identidades de pessoas com Lúpus a partir da linguagem em publicações do Facebook. A nossa problemática parte do pensamento de que a maioria das pessoas com Lúpus têm na linguagem um modo de refúgio para as suas dores, além de estarem em constante embate sobre o modo de ser com si próprios e com os outros na busca pelo seu lugar no mundo. Nesse sentido, discutimos a temática levando em consideração os pensamentos de Husserl (1990) e Heidegger (2005) no que se refere aos preceitos da fenomenologia. Selecionamos no site formador e mantenedor de redes sociais *Facebook* a página de uma comunidade chamada “Lúpus Brasil”. Na página desta comunidade, selecionamos aleatoriamente 5 conjuntos de comentários em 3 postagens feitas pelo administrador sobre aspectos que envolvem a patologia e discussões a esse respeito. Todos os perfis das pessoas que fizeram os comentários são públicos e todas essas pessoas afirmam conviver com a patologia. De modo geral, percebemos que existe uma tendência à simplificação do ser, por estar

¹ Trabalho resultante da disciplina de Seminários em Linguística IV – Filosofia da Linguagem – no curso de Doutorado em Linguística - UFPE.

“inserido” em uma vida cheia de dores, como se o ser, por estar levando um vivido regado à patologia, ela o dominasse e o simplificasse tornando-o esquecido, e sendo pensado somente como um ente e não como um ser. Mesmo assim, alguns indivíduos, de maneira alguma, deixam de enxergar que por trás do doente existe um ser.

Palavras-chave: Linguagem. Fenomenologia. Lúpus.

Abstract: In this research, we intend to analyze, with contributions from phenomenological theories, how identities of people with Lupus are configured from language in Facebook publications. Our problematic part is the thought that most people with Lupus have a language of refuge for their pain in language, as well as being in constant clash over how to be with themselves and with others in the search for their place in the world. In this sense, we discuss the theme taking into account the thoughts of Husserl (1990) and Heidegger (2005) regarding the precepts of phenomenology. We selected in the site social network formador and maintainer the page of a community called "Lupus Brazil". On the community page, we randomly selected 5 comment sets in 3 posts made by the administrator on aspects involving pathology and discussions in this regard. All the profiles of the people who made the comments are public and all these people claim to live with the pathology. In general, we perceive that there is a tendency for simplification of being, because it is "inserted" in a life full of pain, as if the being, by being led a lived watered to the pathology, it dominated and simplified making it forgetful, and being thought only as an entity and not as a being. Even so, some individuals, in no way, fail to see that behind the patient there is a being.

Keywords: Language. Phenomenology. Lupus.

Introdução

A partir das discussões propostas por Husserl, em seu texto sobre a crise das ciências da humanidade europeia e da filosofia, começa-se a pensar em um novo modo de fazer ciência que não leve em consideração apenas os modelos lógicos, engessados em teorias baseadas num pensar estritamente cartesiano. Apesar de ser criticado, em seguida, pelo excesso de cartesianismo em seus preceitos fenomenológicos, Husserl é um dos filósofos que começam a discutir uma modificação no modo de fazer ciência. Muitas questões ainda estão por se discutir, levando-se em consideração os preceitos apresentados pelo autor.

No intuito de refletir sobre alguns desses aspectos fragilizados pelas poucas discussões de Husserl, objetivamos levantar algumas outras questões que, mesmo não sendo totalmente resolvidas, podem nos levar a pensar melhor sobre como estamos fazendo ciência, ou, mais especificamente, sobre como nós das ciências humanas, das ciências da linguagem, estamos desenvolvendo as nossas pesquisas. Nesse sentido, é de nosso interesse pensar: (i) como se caracteriza a nossa flexibilidade em um modo de fazer ciência que leve em consideração determinados diálogos para discutirmos questões

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
específicas a partir da fenomenologia? (ii) como podemos pensar fenômenos da linguagem a partir dos preceitos da fenomenologia?

Para tentar conseguir respostas para essas questões ou, ao menos, intensificar a discussão, intencionamos refletir um pouco sobre a fenomenologia proposta por Husserl e os preceitos fenomenológicos existenciais de Heidegger, procurando perceber como cada um deles traz os seus conceitos sobre esse modo de pensar. Em seguida, analisar, por meio das discussões propostas, os usos da linguagem em redes sociais de relacionamento formadas pelo site Facebook, as manifestações por meio da língua sobre o seu modo de ser, sua singularidade, feitas por pessoas com Lúpus, uma patologia crônica que muito reflete o modo de as pessoas pensarem e falarem a/sobre vida.

A nossa problemática parte do pensamento de que a maioria das pessoas com Lúpus têm na linguagem um modo de refúgio para as suas dores, além de estarem em constante embate sobre o modo de ser com si próprios e com os outros na busca pelo seu lugar no mundo. Como a linguagem é a nossa maior forma de manifestação de reflexões, pensamentos e desejos, justifica-se como extremamente importante discutir esses aspectos a partir das teorias fenomenológicas, já que elas são o que há de melhor para se pensar a construção do ser no mundo.

Queremos, neste artigo, retomar as compreensões primeiras que a fenomenologia existencial tem a respeito do ser, perpassando pelos

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
entendimentos de Husserl, até a observação dos pensamentos oriundos de Martin Heidegger.

Para uma melhor organização e entendimento do que pretendemos neste trabalho, seguiremos determinados movimentos, os quais são: primeiro, levantaremos uma breve discussão a respeito de como se caracteriza a fenomenologia, principalmente no que se refere à fenomenologia existencial de Heidegger; em seguida, apresentaremos uma conceituação sobre a patologia Lúpus para que saibamos um pouco sobre o contexto em que estão inseridas as pessoas que convivem com a doença; nesse mesmo tópico, faremos a análise do nosso *corpus* a partir das discussões propostas no primeiro tópico; terminando com as considerações finais.

1 Considerações sobre fenomenologia em Husserl e Heidegger

Através dos estudos instaurados pela fenomenologia, é colocada em questionamento a crença metafísica em uma verdade única e a busca de uma perspectiva de conhecimento que seja absoluto, semelhante a um único caminho rumo ao que se quer. Dessa forma, os estudos fenomenológicos existenciais entendem o ser em suas possibilidades, ser que escolhe qual caminho irá seguir para caminhar no seu rumo de maneira livre e pessoal, sem querer explicá-lo, mas possibilitando uma

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
liberdade para que ele se mostre/caminhe como queira, fazendo isso em sua unicidade. Essa proposta da fenomenologia existencial afronta os modelos lógicos e calculados que atualmente passam por uma precariedade de conceitos, que reduzem o ser nos seus diversos aspectos.

Quando se tem o pensamento de um saber uno, a ciência acaba se tornando limitada, transforma-se em uma ciência com menos descobertas do que antes, tendo em vista a necessidade das explicações. A fenomenologia rompe com as ciências explicativas, nas quais, antes mesmo da apresentação do ser, já se têm conceitos sobre ele. Conforme Merleau-Ponty (1945), a ciência que entra em crise especula muito a realidade, mas não tem um saber de como se dá essa realidade. Na direção deste pensamento, Husserl (2008) propõe uma retomada a um fazer ciência que busca não uma verdade absoluta, mas sim uma reflexão voltada para uma experiência comum, com um método voltado para si, um método filosófico de fazer ciência, baseado nos preceitos fenomenológicos.

Conforme Husserl (1990), a fenomenologia surge em um momento de crise: crise da subjetividade, crise do irracionalismo, em que tudo é necessário ser explicado. A fenomenologia não objetiva integrar as ciências particulares e repensá-las ou então integrar outros conhecimentos. “As ciências humanas, por mais distintas que possam ser, comungam de pré-conceitos de que para se constituir, enquanto

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
ciência, é preciso que deduzam hipóteses e as comprovem, no respeito estrito de exigências e protocolos” (LIMA, 2015, p. 20). Essa nova forma de pensar vai contra a toda a construção de conhecimento conservadora, e busca uma transformação construtiva por meio da crise do ser, que muitas vezes se torna um alguém limitado e, por se limitar, está sujeito ao esquecimento, ao desaparecimento.

Ao refletirmos naturalmente sobre o conhecimento e ao ordená-lo, justamente com a sua efectuação, no sistema do pensamento natural das ciências, cai-se logo em teorias atractivas que, no entanto, terminam sempre na contradição ou no contra-senso. – Tendência para o cepticismo declarado (HUSSERL, 1990, p. 21).

Nas palavras de Husserl (1990), a fenomenologia tem como objetivo “voltar às coisas mesmas”. Assim, ela seria descritiva, buscando uma reflexão dos temas e fenômenos sem conceitos preconcebidos, tal como aparecem. A fenomenologia de Husserl critica as formas mais variadas de objetivismo, focalizando, de maneira específica, o modo como os objetos são constituídos na experiência do sujeito, a estrutura e qualidade do objeto tal como experienciada pelo sujeito. Nesse sentido, na fenomenologia de Husserl, deve-se revelar o que há de essencial nos atos que constituem a consciência e que visam a

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
algo (*noema*). Para este estudioso, o traço essencial da consciência é a intencionalidade: toda consciência “é consciência de algo”.

O termo consciência passou a ser evitado por Heidegger (2005), pois, consciência, para ele, remete ao caráter de dualidade, na relação entre o homem e o mundo, e também ao problema da dicotomia sujeito-objeto, problema esse sobre o qual sempre foi buscada uma superação pelos fenomenólogos. Nesse aspecto, na medida em que o conceito de mundo vai conseguindo espaço na obra de Husserl (1990), ele propõe o conceito de redução fenomenológica, que passa a ser ponto crucial na fenomenologia. Para o filósofo (HUSSERL, 1990), a estrutura e os conteúdos da consciência são bastante distorcidos pela maneira como nos engajamos na vida cotidiana. Assim, para se firmar contra teorizações, o autor propôs a *epoché* fenomenológica, ou a suspensão da atitude natural. Através da redução, Husserl (1990) pretende *suspender* a tese de mundo natural, pois a redução é a operação pela qual a existência efetiva do mundo exterior é *posta entre parênteses* para que a investigação ocupe-se apenas com as operações realizadas pela consciência, sem se perguntar se as coisas visadas por elas realmente existem ou não.

Com isso, a fenomenologia dá-se enquanto uma crítica ao método, e põe em questão tudo que se tem enquanto uma verdade absoluta; “a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 1990, p. 22).

Para refletir em uma noção mais ampla do que seria o pensamento enquanto um modo fenomenológico, é importante distinguir o que Husserl (1990) chama de Atitude Natural da Atitude Fenomenológica. Atitude Natural enquanto aquilo que, antes mesmo que o conhecimento se revele, já se tenha pré-conceitos sobre ele, e desse modo o defina. Entrando em relações lógicas de um conhecimento com outro e, assim, confirmando-se, findando-se a uma lógica já dada. Já a Atitude Fenomenológica encontra-se em uma esfera completamente nova, enquanto um método que tem pontos de partida para um pensamento que seja inteiramente novo, que suspende todo o conhecimento prévio das coisas, aquele que deixa o conhecimento se revelar antes de qualquer conhecimento que se possa ter sobre o mesmo (HUSSERL, 1990).

Dessa forma, o conhecimento fenomenológico é “pois, apenas conhecimento humano, ligado às formas intelectuais humanas, incapaz de atingir a natureza das próprias coisas, as coisas em si” (HUSSERL, 1990, p. 44). Torna-se, então, impossível uma redução por completo de todo o conhecimento proveniente da Atitude Natural, pois se desconsiderar esse conhecimento corre-se o risco de se submeter a um método enquanto técnica, que é justamente o que a fenomenologia se propõe a criticar (HUSSERL, 1990).

Gonçalves *et al* (2008), em estudo sobre a fenomenologia em Heidegger, observa que o mesmo, ao criticar Husserl de ser intelectualista e cartesiano, abandona os termos consciência e intelectualidade. Para Heidegger, a fenomenologia de Husserl era caracterizada como um projeto que perdera a historicidade essencial da natureza humana. Na sua obra *O ser e o Tempo* (1927), o filósofo supera o conceito de consciência e propõe o conceito do *Dasein*. “Em sua terminologia [de Heidegger] *Dasein* deve substituir “sujeito” ou “eu”, devido ao sentido de ser simplesmente dado que estes termos adquiriram na filosofia da consciência e da subjetividade do período moderno, incluindo aí a própria concepção husserliana de sujeito”. (GONÇALVES *et al*, 2008, p. 430).

A contribuição do pensamento de Heidegger (2005) inaugura – via fenomenologia do *Dasein* – a assim chamada fenomenologia existencial. O filósofo desenvolve uma interpretação ontológica do sentido do ser através de sua analítica do *Dasein*, focalizando sua análise no ser dos entes enquanto tal. O termo *Dasein*, neste sentido, refere-se ao existir humano que se realiza aí (*Da*) no mundo, caracterizando-se como um acontecer (*sein*), sendo o próprio existir que constitui o aí em que se dá na existência. Se pensarmos que toda possibilidade de compreensão do existir humano dependerá da temporalidade, enquanto historicidade e finitude, estes dois aspectos serão essenciais na análise heideggeriana do *Dasein*.

Heidegger (2005) entende que ser-no-mundo-com-outros é a forma essencial e primeira de poder se tornar visível, é desse modo que o ser se constitui. Dessa maneira, o sujeito, que mesmo tendo uma essência que é única e só sua, se entrelaça no mesmo eixo norteador de outras existências.

Nesse sentido, Heidegger (2005) entende necessária uma distinção entre ser e ente para que se possa formular uma estrutura conceitual da questão do ser. Desse modo, “ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós somos” (HEIDEGGER, 2005, p. 32). Nesse aspecto, o ente diz respeito a tudo o que se mostra, como a possibilidade de existência do ser, como possibilidade que o homem possa ser. Por outro lado, o ser “está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (Vorhandenheit), no teor e recurso, no valor e validade, na pré-sença, no ‘há’” (HEIDEGGER, 2005, p. 32). Assim, o ser é o que se é, o que se sente, o que é verdadeiramente real, implicado no humano da singularidade.

A “pressuposição” do ser possui o caráter de uma visualização preliminar do ser, de tal maneira que, nesse visual, o ente previamente dado se articule provisoriamente em seu ser. Essa visualização do ser, orientadora do questionamento, nasce da compreensão cotidiana do ser em que nos movemos desde sempre e que, em última instância, pertence a própria

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
constituição essencial do ser-aí. (HEIDEGGER, 2005, p. 34).

Podemos concluir com Costa (2005), então, que a construção do ser humano não se dá de modo “fixo, estático e acabado; ela está em constante interação com a cultura e, logo, em constante processo de mutação” (COSTA, 2005, p. 25). Nesse aspecto, o ser em sua singularidade sempre será possibilidades, estruturando-se como um “vir-a-ser”. Não sendo possível defini-lo, pois, se assim o fizéssemos, estaríamos o limitando e fechando as possibilidades de existência que se dá no “sendo-com-os-outros”.

2 Análise dos comentários

2.1 Considerações organizacionais para a análise

Para atingirmos o nosso objetivo e responder as nossas questões de pesquisa, seguimos alguns passos metodológicos que delinearemos neste subtópico. Foi extremamente relevante pensar em uma revisão bibliográfica reflexiva sobre as teorias fenomenológicas a partir de uma discussão que levasse em consideração os embates e as interlocuções

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
entre tais teorias. Pensamos discutir um pouco sobre o uso da linguagem de pessoas com Lúpus, pois acompanhamos páginas no *Facebook* que tratam da caracterização e dos aspectos que envolvem tal patologia, ficando, assim, interessados em discutir, a partir de embasamento científico fenomenológico, a maneira como essas pessoas se expressam por meio da língua, no site.

Selecionamos no site formador e mantenedor de redes sociais *Facebook* a página de uma comunidade chamada “Lúpus Brasil”. Na página desta comunidade, selecionamos aleatoriamente 5 conjuntos de comentários em 3 postagens feitas pelo administrador sobre aspectos que envolvem a patologia e discussões a esse respeito. Todos os perfis das pessoas que fizeram os comentários são públicos e todas essas pessoas afirmam conviver com a patologia. Para analisarmos os comentários, faremos os seguintes movimentos retóricos: (i) apresentaremos os comentários que foram copiados a partir da função “*print*” do computador; (ii) discutiremos os comentários de maneira geral a partir de um entendimento das teorias fenomenológicas; (iii) discutiremos comentários específicos, enumerados de C1 a C6, refletindo construções da fenomenologia tais como: ser-com, vir-a-ser, ser-no-mundo, ser-com-os-outros; além da relação entre ente e ser, da relação entre mundo da vida e *epoché* e também do modo de análise *Dasein* de Heidegger.

Lúpus erimatoso sistêmico (LES)² é uma doença autoimune de causa ainda desconhecida que pode afetar a pele, as articulações, os rins, os pulmões, o sistema nervoso e vários outros órgãos do corpo. Uma doença autoimune é aquela em que o sistema imunológico equivocadamente passa a produzir anticorpos contra estruturas do nosso próprio corpo. São chamados de auto-anticorpos. A doença pode piorar e melhorar ao longo dos anos, e sintomas que nunca existiram podem surgir de uma hora para a outra. A gravidade do Lúpus depende de quais e quantos órgãos são afetados.

O Lúpus é caracterizado pelos sintomas constitucionais. São assim chamados o grupo de sinais e sintomas inespecíficos que atingem vários sistemas do organismo e são comuns a várias doenças. A principal característica dos sintomas constitucionais é dar uma ideia de que há algo de errado com a saúde sem, todavia, indicar precisamente a origem do problema. Entre os sintomas constitucionais do Lúpus estão: cansaço e intolerância ao exercício; dor muscular e sensação de fraqueza; perda de peso, febre, queda de cabelo, variações no sistema nervoso e outros.

² Informações coletas no seguinte site:

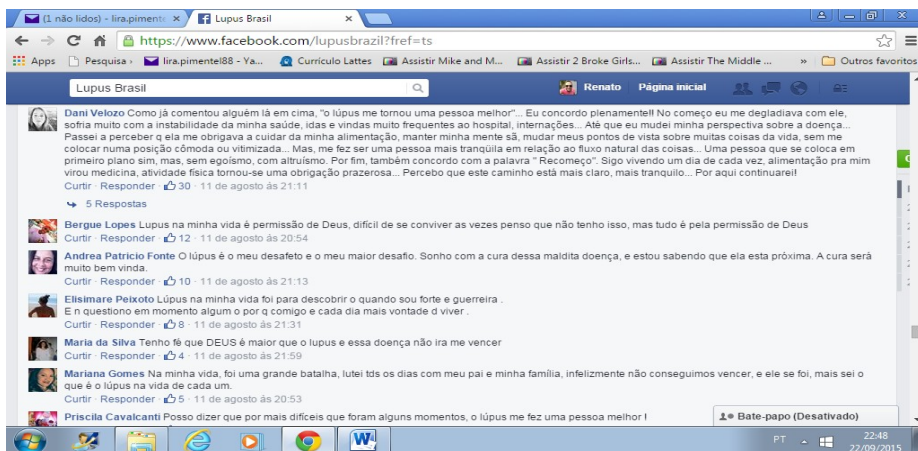
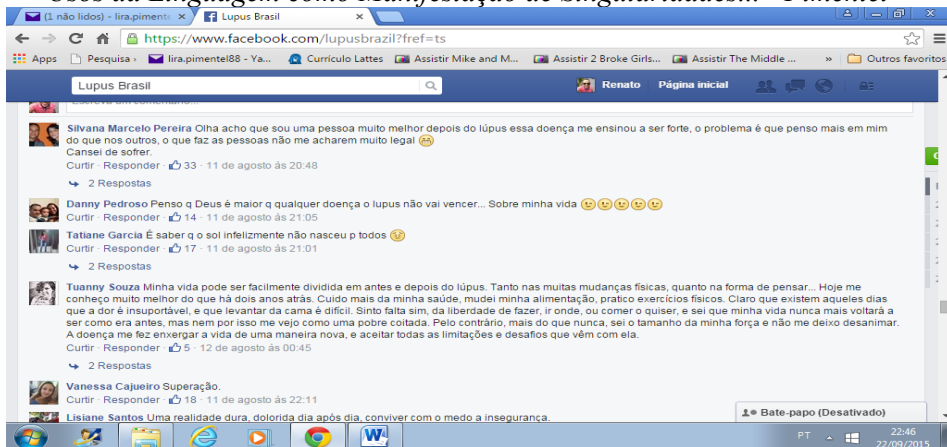
<http://www.labclinicas.com.br/noticias/gerais/o-que-e-lupus-e-quais-sao-os-sintomas-por-vanessa-pires/> Acesso em 29.09.2015.

Não é nosso intuito, a partir do que nos propomos neste trabalho, limitar o ser, mas sim discutir a partir de suas manifestações, por meio da linguagem, como se dá a percepção de sua singularidade e de sua constituição a partir de si mesmo e dos outros. Como bem propõem as teorias fenomenológicas, não estamos buscando resultados prontos e acabados, mas sim uma reflexão a respeito do que objetivamos. Buscamos uma reflexão que suscite outras tantas reflexões e que se dediquem a olhar para o ser a partir de outros vieses, e que incluam o viés existencial.

Os comentários nas figuras abaixo dizem respeito a uma proposta de discussão a partir da seguinte pergunta: “O que é o Lúpus na sua vida?”. Reflitamos sobre estes comentários.

Figura 1: comentários

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel



Fonte: site Facebook

Como podemos observar, a maioria das respostas são positivas quanto à convivência com a doença. Apesar de as pessoas declararem o quão difícil é lidar com a patologia, elas tentam constituir-se como

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
pessoas no mundo e caminhar cada uma a seu modo com as suas dificuldades. Algumas pessoas pensam a doença como uma forma trágica de ser no mundo, como uma forma de o homem existir como se estivesse incapacitado, em que, mesmo assim, não se pode nunca deixar de compreender-se como ser-doente, mas como uma pessoa singular, mesmo emersa em um mundo coletivo.

A partir desse primeiro recorte, analisemos os comentários numerados como C1 e C2:

C1: “Posso dizer que por mais difíceis que foram alguns momentos o lúpus me fez uma pessoa melhor”.

C2: “O lúpus é o meu desafio e o meu maior desafio. Sonho com a cura dessa maldita doença, e estou sabendo que ela está próxima. A cura será muito bem vinda”.

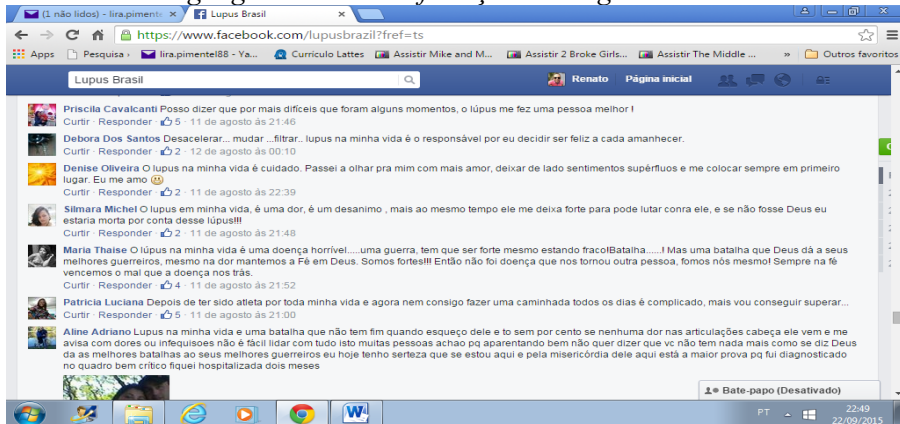
Levando em consideração as construções do ser-com e do vir-a-ser, podemos perceber que o autor do C1 tenta se reconhecer com a patologia, para que, a partir desse reconhecimento que é possibilitado pelo ser-com, pensar no seu vir-a-ser. Ou seja, o reconhecimento dos desafios possibilitados pela doença fez com que o doente tenha se percebido como uma pessoa melhor; possibilite-se vir-a-ser uma pessoa melhor em sua existência.

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel

É interessante pensar também nas distinções entre ente e ser. Elas se refletem quando pensamos, por exemplo no C1, que o ente é caracterizado como aquele que tem a doença e deve se conformar com ela no sentido de viver determinado pela doença, enquanto que quando se pensa no ser, apesar desse ser também se “conformar” com a doença, existem possibilidades de vivências que não necessariamente se revelam no que seria taxado como “normal”, mas que se revelam a partir das possibilidades que esse ser tem de viver, no mesmo pensamento do vir-a-ser, e que podem sim extrapolar determinadas “normalidades” que estariam relacionadas ao ente como “puro”.

Figura 2: comentários





Fonte: site Facebook

Nesse conjunto de comentários percebemos reclamações em relação ao sentir dor, como no comentário abaixo C3.

C3: “O lúpus em minha vida, é uma dor, é um desânimo, mais ao mesmo tempo ele me deixa forte para pode lutar contra ele, e se não fosse Deus eu estaria morta por conta desse lúpus!!!!”.

De acordo com os preceitos da fenomenologia existencial, é importante pensar que por mais que a dor esteja encarnada no ser, essa dor jamais poderá limitá-lo, mesmo que em alguns momentos ele possa estar impossibilitado de existir plenamente (LIMA, 2015). Deve-se

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
tentar abrir a possibilidade ao ser-com, viver com a dor e, assim, se lançar no vir-a-ser.

Percebendo o homem como ser-no-mundo, enquanto ser relacional, o ser-doente é compreendido a partir do ser-sadio. Desse modo, como podemos observar em alguns comentários, as constituições que algumas das pessoas fazem de si, pensando-se como ser-doente, levam em consideração muito do que o outro, ser-sadio, diz sobre elas. Essas percepções têm muita importância, pois a própria constituição do ser, como já discutimos, está relacionada com o ser-com-os-outros. E o que vemos, a partir dos comentários, é que é importante para a pessoa ser-doente, que os outros o percebam como ser único, e que não sejam conceituados a partir de sua patologia.

Desse recorte, pensemos também no seguinte comentário:

C4: “Um pesadelo do qual estou esperando acordar há 5 anos

Podemos pensar na construção do *Dasein*, proposta por Heidegger. O modelo de análise do *Dasein* propõe o existir humano que se dá como um acontecimento que se realiza “aí”. Quando o autor do comentário diz que a doença é um pesadelo do qual ele está esperando acordar, ele expressa que a realização da sua existência se daria em um

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
“acordar” de um pesadelo. O autor do comentário é ciente de que tem uma existência específica, e mesmo não aceitando essa existência como tal, ele reconhece que ela se caracteriza no mundo, que ela se caracteriza aí-no-mundo. Nesse sentido, quando pensamos que é o próprio existir que constitui o aí em que se dá a existência, refletimos que é um novo-aí que se reflete no acordar de um sonho, e que está intimamente ligado com um velho-aí que é também um caracterizador dessa existência.

Figura 3: Comentários



Fonte: site Facebook

Pensar o ser em sua singularidade por meio de sua unicidade já é uma tarefa bastante complexa e difícil. Assim, pensar o ser-doente aumenta o grau de complexidade, pois, por mais que os vividos se

Revista Diálogos – N.º. 19 – Mar./Abr. - 2018 286

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
apresentem de maneira semelhante, eles são únicos e a forma como se percebem, conseqüentemente, também é única e varia a partir da historicidade e subjetividade de cada ser.

Apesar de percebermos a menção de algumas limitações das pessoas em seus comentários, é fundamental pensarmos que não deve existir essa limitação do ser que está emerso em um mundo com a patologia do Lúpus. Se existe uma limitação, acaba que o ser se define apenas como um doente, como um ser-dor, como um lúpico, e não como um ser que vai além do que se apresenta, ou seja, como um ser que está, a todo momento, se reinventando.

C5: “O lúpus afastou de mim o amor”.

C6: “É lutar todos os dias pela vida”.

No comentário C5, percebemos que o autor limita-se no sentido de não ser capaz de amar mais ou de receber o amor. O entendimento dele parece partir da premissa de que a doença o limita no sentido das relações. Quando nos reportamos à teoria fenomenológica, refletimos que a existência dá-se na relação ser-com-os-outros. Essa construção é extremamente importante nessa forma de manifestação do comentário C5, pois é interessante perceber como a existência que se dá na relação

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel com os outros é importante para cada ser. O que quer dizer que essa existência é difícil quando não se tem o amor. Do mesmo modo, no comentário C6, o autor se caracteriza como aquela que luta todos os dias pela vida, isto é, aquele que luta como ser-no-mundo em um constante vir-a-ser que não se limite em razão de sua patologia.

Figura 4: Comentários



Fonte: site Facebook

Como podemos observar com algumas pessoas portadoras do Lúpus, existe uma tendência à simplificação do ser, por estar “inserido” em uma vida cheia de dores, como se o ser, por estar levando um vivido regado à patologia, ela o dominasse e o simplificasse tornando-o esquecido, e sendo pensado somente como um ente e não como um ser.

O que vemos é que, mesmo que esse existir seja trágico, por assim dizer, a fenomenologia não pode se dar de forma que não seja voltada para o ser em sua existência e na forma única na qual ele se apresenta. Como podemos ver, alguns de maneira alguma deixam de enxergar que por trás do doente existe um ser.

Considerações finais

A fenomenologia é um novo modo de pensar que tem sua base epistemológica em Husserl, diferenciada das demais correntes que explicam o homem, pois ela não se funda em uma simples descrição dos acontecimentos vividos conscientes da psique, mas sim, e, sobretudo, numa maneira de abordar o homem, seus estados e suas obras sem preconceito, segundo a celebre divisa do “retorno às coisas”. (HUSSERL, 1990). É uma forma de compreender o homem frente ao que ele se mostra, sem querer buscar teorias que possam defini-lo antes que ele se apresente.

A fenomenologia existencial é concebida enquanto um novo modo de pensar, uma forma que compreende o ser em sua singularidade, o que é um choque ao pensar científico tradicional, onde tudo é necessário ser explicado e mensurado. Assim, essa nova forma de pensar, não busca uma explicação do que é o ser, mas sim, de conceitos sobre o sentido do ser, se dá no ser-no-mundo-com-outros, e dessa

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
forma se torna nítida a compreensão de nossa singularidade e a forma como nos damos no mundo.

Nesse sentido, este trabalho teve a intenção de levar à reflexão sobre os pensamentos da fenomenologia de dois autores extremamente importantes para a área, quais sejam, Husserl e Heidegger. Foi também nosso intuito tentar mostrar como pode ser interessante pensar a linguagem a partir de compreensões da filosofia. Como dissemos, não quisemos fazer uma análise baseada em categorias específicas sobre a teoria, mas sim, observar o nosso objeto a partir de um viés mais reflexivo no sentido dessa construção e percepção do ser a partir da fenomenologia. É válido pensar essas questões sem resistência e na abertura e flexibilidade do próprio sentir.

Referências

CARDOSO, Luísa Manjorani. **Da experiência do escutar/dizer do psicólogo** – na narrativa daqueles que dela partilham – a um sentido clínico atual apontado. (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2004.

COSTA, Claudine Alcoforado Quirino. **Três Modos da experiência de “ser-com” e “ser-si-mesmo” em situação conjugal**: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2005.

Usos da Linguagem como Manifestação de Singularidades... - Pimentel
FIGUEIREDO, L. C. M. **Escutar, Recordar, Dizer**: encontros heideggerianos com clínica psicanalítica. São Paulo: Educ/Escuta, 1994.

GONÇALVES, R.; GARCIA, F.; DANTAS, J. & EDWALD, A. **Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger**: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 8 (2), 2008.

HEIDEGGER, M., **Ser e tempo**. Parte I. Introdução. São Paulo. Editora Vozes, 2005.

HUSSERL, Edmund. A Idéia da Fenomenologia. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. Edmund. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Coleção: Textos Clássicos de Filosofia. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2008.

_____. Edmund. **Husserl**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

LIMA, Luiz Ricardo Eloy de. **Dor no corpo, alma em prantos**: um olhar fenomenológico sobre a síndrome da fibromialgia. Trabalho de conclusão de curso (Psicologia). Caruaru: UNIFAVIP / DeVry, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

SANTOS, Suely Emilia de Barros. **A experiência de ser ex-esposa**: uma oficina sociopsicodramática como intervenção para problematizar a ação clínica. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2005.